

*The visible woman**

Rosana Orio**

The visible woman reúne artigos de 16 autores que exploram a aplicação, incorporação e recepção de várias tecnologias por imagem em medicina, cujo ponto em comum é a possibilidade de tornar o corpo humano – sobretudo o feminino – visível. Da fotografia fetal e da mamografia ao retardamento mental e à síndrome da fadiga crônica, o livro nos fala um pouco sobre a construção de identidades na pesquisa médica e nas políticas de saúde pública, assim como nos relatos sobre saúde publicados pela imprensa não especializada.

Os artigos presentes no livro estudam as variadas tecnologias visuais concomitantemente ao estabelecimento de uma crise no sistema médico e de saúde americanos, considerada sem precedentes pelas organizadoras do livro em sua introdução. As autoras apontam a epidemia da AIDS, o ressurgimento de doenças como a tuberculose e outras doenças infecciosas, o crescimento das taxas de câncer de mama, o aumento das

* TREICHLER, P.A., CARTWRIGHT, L. and PENLEY, C. (eds.) *Imaging technologies, gender, and science*. New York: New York University Press, 1998, 400p. Paula A. Treichler é professora de medicina, comunicação e estudos de mulheres na University of Illinois, em Urbana-Champaign, e publicou recentemente *How to have theory in an epidemic*. Lisa Cartwright, autora de *Screening the body: Tracing medicine's visual culture*, é professora associada de inglês na University of Rochester. Constance Penley leciona Estudos de Cinema e Estudos de Mulheres na University of California-Santa Barbara e seu mais recente livro é *NASA/TREK: Popular science and sex in America*.

** Doutoranda no Departamento de Políticas Científica e Tecnológica do Instituto de Geociências da Unicamp.

The visible women

doenças ocupacionais e a expansão da população sem acesso a um sistema adequado de saúde como parte dessa crise. Assim, o livro aborda também outros aspectos ligados às tecnologias visuais, que vão dos direitos e liberdades civis às políticas federais de saúde, questionando, de um lado, as definições do que seja normal e natural e de como esses padrões são determinados e, de outro, revendo a idéia ainda bastante difundida de que a pesquisa científica e biomédica é objetiva e despregada de valores.

Partindo de intersecções entre o feminismo, a teoria do filme, os estudos sobre as tecnologias visuais e os estudos culturais em ciência e medicina, os autores incluídos nesse livro trabalham com um grupo amplo e heterogêneo de pacientes, ativistas, acadêmicos e artistas que estão explorando formas de comunicar seus próprios modos de ver a atual crise da medicina e da saúde, articulando, em alguns casos, suas próprias experiências de saúde e doença. Nesses artigos, o(a) paciente deixa de ser visto(a) como objeto passivo da investigação médica e os profissionais médicos, por sua vez, como perpetuadores da exploração institucional em nome do bem público. *The visible woman* ilumina as perspectivas complexas dos profissionais das áreas médica e científica que existem tanto dentro como fora de seus lugares de trabalho bem como suas identidades profissionais.

O livro, dividido em três partes, que podemos chamar de eixos temáticos, apresenta em sua introdução (“Paradoxes of visibility”) um mapa bastante instrutivo que guia os(as) leitores(as), iniciados(as) ou não, pela problemática da representação do corpo humano em medicina através da perspectiva dos estudos culturais em ciência e medicina. Cada ensaio incluído em *Visible woman* explora algum aspecto dos “paradoxos da visibilidade”, conforme definidos pelas organizadoras: 1. A possibilidade criada pela ciência e pelas tecnologias visuais de podermos, como nunca antes, enxergar a mente e o corpo em ação, suas conexões interiores e suas

relações complexas com fenômenos exteriores divergentes; 2. A nova visibilidade da questão do gênero e da saúde das mulheres em ciência e medicina; 3. A ciência e a medicina, tendo definido os problemas da saúde do final do século no sentido de que somente elas estão autorizadas e equipadas para lidar, devem assegurar que as novas tecnologias visuais também permaneçam dentro dos domínios de sua *expertise*.

Os quatro capítulos iniciais, que compõem a primeira parte do livro, estabelecem o cenário do restante da obra, com seus autores desenvolvendo o argumento comum de que “o trabalho da ciência e da medicina não pode estar separado dos discursos e representações através dos quais aquele trabalho é conceituado, executado e tornado público” (p.12). A segunda parte, composta por mais quatro capítulos, apresenta estudos de caso sobre escolhas reprodutivas e novas tecnologias de reprodução, incluindo o uso de imagens na ginecologia e obstetrícia. A última parte de *Visible woman*, que reúne os cinco ensaios finais, explora as ligações entre a ação individual e os arranjos estruturais e os sistemas institucionais nos quais essa ação é representada, questionando-se a existência de espaços para a ação e os níveis em que as mudanças sociais e políticas podem ocorrer.

Assim, acompanhando o mapa da introdução, o(a) leitor(a) pode trilhar o caminho que melhor lhe convier, de acordo com seu interesse particular. Apesar disso, recomendo que a leitura seja iniciada pelo capítulo 1 (“A cultural anatomy of the Visible Human Project”), já que a autora, Lisa Cartwright, comenta algumas referências sobre a representação do corpo (masculino e feminino) que podem auxiliar no acompanhamento dos demais ensaios. Nesse capítulo, Cartwright analisa o desenvolvimento do *The Visible Human Project*¹, criado pela National Library of

¹ A base de dados pode ser acessada através do endereço www.nlm.nih.gov/research/visible_human.html.

The visible women

Medicine, dos Estados Unidos, a partir de 1990, cujo objetivo era construir uma biblioteca virtual de imagens, com dados representando “homens e mulheres adultos normais” a partir de imagens fotográficas digitalizadas, provenientes da tomografia computadorizada e da ressonância magnética de cadáveres congelados. Em sua análise, a autora detém-se nas convenções técnicas e culturais usadas nesse projeto para produzir o *Visible man* e a *Visible woman*, preocupando-se com as diferenças de sexo e outros aspectos das diferenças culturais conforme elas estejam (ou não) representadas no projeto.

Esse mesmo projeto é retomado por Ann Eckman no capítulo 4 (“Beyond ‘The Yentl Syndrome’. Making women visible in post-1990 women’s health discourse”). Eckman estuda as relações ciência-sociedade, examinando as iniciativas recentes dos National Institutes of Health (NIH), entre as quais o projeto da National Library of Medicine, para aprimorar a pesquisa sobre a saúde das mulheres nos Estados Unidos. As iniciativas dos NIH são vistas como uma resposta ao relatório entregue ao congresso americano em 18 de junho de 1990 pelo Government Accounting Office (GAO) cujo título era *The Yentl Syndrome*, uma metáfora à tendência presente na ciência biomédica e na medicina de assumir o corpo masculino como padrão normativo. A proposta da autora é entender a repercussão desse relatório no processo de realinhamento e entendimento da saúde da mulher, focando suas questões na imagem visível do corpo da mulher que emergiu a partir dessa data. Em particular, Eckman propõe-se a “considerar como essa imagem foi construída e avaliar o progresso que tais construções trouxeram para a mulher” (p.134) e o faz analisando artigos publicados em jornais especializados e reportagens veiculadas pela mídia impressa não especializada.

“The end of the road. Gender, the dissemination of knowledge, and the American campaign against venereal disease during World War I” (cap. 2), de Stacie Colwell, e “Maybe next year. Feminist silence and the Aids epidemic” (cap. 3), de Paula

Treichler e Catherine Warren, completam a primeira parte do livro. Colwell reúne perspectivas feministas, históricas e de saúde pública para examinar a campanha do Departamento de Guerra Americano contra as doenças venéreas durante a Primeira Guerra Mundial. A autora analisa os comprometimentos ideológicos, organizacionais e cinemáticos que levaram à produção de *The end of the road*, filme alertando as mulheres sobre a sífilis, celebrado como um esforço para a criação de um programa de educação sobre a sexualidade e a saúde para uma ampla audiência feminina. Treichler e Warren, por sua vez, abordam a questão da invisibilidade do feminismo americano dominante na luta contra a epidemia da Aids, analisando a cobertura sobre a doença pela imprensa escrita feminista e não-feminista.

Carol Stabile e Valerie Hartouni abrem a segunda parte do livro, respectivamente com “Shooting the mother. Fetal photography and the politics of disappearance” (cap. 5) e “Fetal exposures. Abortion politics and the optics of allusion” (cap. 6), ambas explorando as convenções da representação visual e textual numa série de narrativas reprodutivas contemporâneas e, especificamente, o crescimento público dentro da cultura americana de questões relativas ao tema “feto”. Stabile retoma as imagens fetais produzidas pelo fotógrafo sueco Lennart Nilsson para a revista *Life*, em 1965, e as compara com uma nova série publicada em 1990 na mesma revista e com o vídeo *The miracle of life*, produzido em 1983 para a rede pública americana de televisão (PBS) a partir do trabalho do mesmo fotógrafo. Hartouni analisa o vídeo experimental *S’Aline’s solution* (1991)², de Aline Mare, distribuído nos circuitos alternativos de arte dos Estados Unidos. O vídeo de Mare usa imagens do interior do corpo para conferir realidade ao feto, fixando-o(a) como um(a) personagem

² O título do vídeo é uma alusão ao tipo de aborto praticado por mulheres depois da 15ª semana de gestação, que consiste na injeção de uma infusão salina para a indução de contrações uterinas, as quais provocam a expulsão do feto.

The visible women

com quem os espectadores podem identificar-se na medida em que o feto experiencia o aborto salino.

Em *Shooting the mother*, examina-se o lugar que as imagens médicas e científicas da “criança abortada” ocupam na mídia popular. Stable atribui às tecnologias visuais empregadas na medicina um papel ideológico e propõe-se a analisar como essas tecnologias, numa sociedade tão dependente da imagem, funcionam na afirmação da autonomia do feto em detrimento dos direitos e da identidade das mulheres grávidas. Em *Fetal exposure*, Hartouni explora o que ela chama de “gramática e cultura do aborto” e suas mudanças durante a última década, atribuídas em grande parte à presença pública crescente dessa “forma fetal livre” identificada em fotografias, vídeos, na medicina fetal e outras subespecialidades da obstetrícia e da ginecologia que dependem de técnicas de imageamento como o ultra-som.

No capítulo 7 (“Mothers and authors: Johnson v. Calvert and the new children of our imagination”), Mark Rose discute a problemática das mães de aluguel, analisando o caso *Johnson v. Calvert*, julgado pela corte da Califórnia, em 1993, com base na interpretação da lei da propriedade intelectual. A preocupação central de Rose é com a relação estabelecida nesse caso entre mãe e autor e de como os recentes desenvolvimentos das tecnologias reprodutivas estão lidando com uma nova forma de mercadorização dos seres humanos. Ella Shobat encerra a segunda parte temática do livro com “‘Lasers and ladies’: Endo discourse and the inscription of science”, em que discute como a endometriose³ é vista, definida e administrada através das tecnologias visuais. A autora critica o que considera uma narrativa científica de conquista e desejo que está por trás do procedimento médico da videolaparoscopia, método comumente usado para

³ Doença crônica da mulher caracterizada pelo crescimento do endométrio – camada interna do útero – fora de do seu órgão de origem.

diagnosticar e tratar a endometriose. Paralelamente, Shobat também estuda as formas através das quais as mulheres têm se organizado em torno do discurso da endometriose para desafiar e reestruturar a definição, o diagnóstico e o tratamento dessa doença.

Os cinco ensaios finais levam os(as) leitores(as) a compartilhar com alguns autores suas próprias experiências pessoais com a saúde e a doença, como no caso de Michael Bérubé e Janet Lyon, pais de uma criança com síndrome de Down (cap. 9), e o relato de Vivian Sobchack (cap. 11) sobre sua vida depois de um câncer e a convivência com uma perna artificial. Bérubé e Lyon discutem em “Living on disability. Language and social policy in the wake of the ADA”⁴ a evolução cultural do retardamento mental nos Estados Unidos. Sobchack, em seu ensaio “Beating the meat./Surviving the text, or how to get out of this century alive”, trabalha com os três paradoxos da visibilidade tratados em *Visible woman*, através do contraste que estabelece entre o que ela chama de hipervisibilidade das novas tecnologias, com suas insinuações de transcendência, e o corpo mortal que dá realidade e significado a essa transcendência.

A problemática da construção das identidades é explorada em “The empire strikes back. A posttranssexual manifesto” (cap. 10), cujo título é uma remissão ao livro de Janice Raymond, *The transsexual empire: The making of the she-male* (1979). Nesse ensaio, Sandy Stone examina quatro autobiografias de homens que se submeteram à cirurgia para mudança de sexo, comparativamente ao discurso médico sobre o transsexualismo. O ensaio nos mostra a importância cultural da identidade transsexual, que quebra com o binarismo de gênero mantido não somente na medicina e nas ciências sociais, mas também no movimento feminista e na sociedade de uma maneira geral.

⁴ ADA – *Americans with Disabilities Act*, instituído em 1990.

The visible women

Os dois ensaios que fecham o livro são respectivamente do biólogo Richard Cone e da antropóloga Emily Martin (“Corporeal flows. The immune system, global economies of food, and new implications for health”) e de Gaye Naismith (“Tales from the crypt. Contamination and quarantine in Todd Hayne’s [Safe]”). No primeiro, os autores oferecem uma interpretação sobre o corpo, o globo e o que significa ser saudável, a partir do exame de diferentes fenômenos: o funcionamento do sistema imune das mucosas, o crescimento da taxa global de alergia e doenças de auto-imunidade, e as mudanças em escala global das formas pelas quais nós produzimos e consumimos alimentos. Os dois sugerem que o gênero é relevante em todos os pontos do sistema, revelando os diferentes modos de pensar e falar sobre essas questões que a ciência e a cultura possuem. Naismith, por outro lado, explora diferentes abordagens sobre o diagnóstico e o tratamento da doença ambiental – na verdade, a própria existência da doença –, analisando o filme de Todd Hayne, *Safe*, que retrata a busca de uma família do sul da Califórnia por mais segurança e por um ambiente mais saudável. Naismith concentra sua atenção na personagem da mãe que, com o declínio de sua saúde a partir do desenvolvimento de uma alergia crônica, vê abalada “suas habilidades para manter os papéis sociais esperados para ela [enquanto mulher]” (p. 361).

Visible woman é um livro coeso, que estimula a percepção e a inteligência de seu(a) leitor(a), iniciado(a) ou não no tema, tanto pela forma extremamente criativa com que seus autores tratam seus objetos de estudo e pela escritura dos resultados de suas pesquisas, a começar pelos títulos de cada capítulo, como pelo diálogo que estabelecem com o(a) leitor(a). Uma obra provocativa que merece a atenção do(a) leitor(a) do *Cadernos Pagu*.